



## ADENITE EM POTROS JOVENS NA REGIÃO DE BAGÉ

**MARKUS, Daniela<sup>1</sup>; MEIRELLES, Marcela G.<sup>2</sup>; LINS, Luciana Araújo<sup>3</sup>;  
MORAES, Carina Martins<sup>4</sup>; NOGUEIRA, Carlos Eduardo Wayne<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Acadêmica em Medicina Veterinária/FV/UFPeI, Bolsista de Iniciação Científica PIBIC – CNPq; <sup>2</sup> Acadêmica em Medicina Veterinária/FV/UFPeI; <sup>3</sup> Mestranda em Medicina Veterinária; <sup>4</sup> Laboratório de Bacteriologia / Cenbiot/ UFPEL; <sup>5</sup> Prof. Dr. Departamento de Clínicas Veterinária/FV/UFPeI.  
Campus Universitário s/n<sup>o</sup> Caixa Postal 354 CEP 9601 0-900.  
[danimarkus85@hotmail.com](mailto:danimarkus85@hotmail.com)

### INTRODUÇÃO

As moléstias respiratórias são comuns em potros jovens, e segundo Sellon, (2001) têm a segunda maior prevalência dentre as enfermidades que afetam potros Puro Sangue Inglês (PSI) com idades inferiores há 180 dias. Dentre as afecções do trato respiratório superior de cavalos, a Adenite Equina também conhecida como “garrotilho”, é uma das mais freqüentemente diagnosticadas. Caracteriza-se pelo aumento de volume dos linfonodos da região da garganta, secreção nasal purulenta, febre e tosse. Equinos de todas as categorias são suscetíveis, embora a enfermidade seja mais comum em animais com menos de cinco anos de idade e especialmente em potros (AINSWORTH, 2000).

Trata-se de uma enfermidade infecto-contagiosa aguda causada pela bactéria beta-hemolítica *Streptococcus equi* subesp. *equi* do grupo C de Lancefield. Possui baixa letalidade, porém morbidade alta, o que tem grande relevância no que diz respeito a locais com grandes concentrações de equinos (SILVA, 2006). A infecção pode ocorrer em todas as épocas do ano, mas as condições climáticas de frio e umidade facilitam a sobrevivência do agente e sua disseminação, o que faz com que os animais que vivem nos estados mais frios e úmidos do país, como o Rio Grande do Sul, estejam mais suscetíveis (KOWALSKI, 2000).

O diagnóstico é geralmente realizado de acordo com os sinais clínicos e também pela demonstração do agente em culturas a partir do exsudato nasal ou pus (SWEENEY, 2005). Porém, o uso de diagnóstico sorológico por ELISA e uso de PCR para a detecção de animais com infecção clínica ou portadores de *S. equi* deve ser utilizado (HARRINGTON *et al.*, 2002).

Embora a Adenite Eqüina seja um problema relatado com frequência por criadores e proprietários de cavalos, dados sobre sua situação epidemiológica no Rio Grande do Sul são escassos. Neste trabalho relatam-se informações sobre adenite em potros jovens em criatórios na região de Bagé, no estado do Rio Grande do Sul.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Foram acompanhados 115 potros nascidos na temporada reprodutiva de 2008 em um criatório na região de Bagé-RS. Destes, 23 (20%) potros demonstraram sintomatologia respiratória compatível com infecção por *Streptococcus equi* durante os meses de julho e agosto de 2008. Os animais doentes apresentavam entre 18 e 49 dias, apresentando uma média de 34 dias de vida.

Os potros foram submetidos ao exame clínico geral e específico do sistema respiratório, sendo esses dados, catalogados em ficha individual contendo referências sobre o acompanhamento clínico, microbiológico e sorológico, desses animais enfermos. Os animais que apresentavam sinais de prostração e anorexia eram monitorados diariamente. Potros com sinais respiratórios mais severos, com febre e comprometimento pulmonar eram medicados com antibiótico, anti-inflamatórios não esteroidais e fluidoterapia.

Com o auxílio de “swab” estéril foi coletado amostras de linfonodos abscedados e de secreções nasais de cinco animais (22%) para realização de exame microbiológico, visando a pesquisa direta do agente. As amostras foram armazenadas, identificadas e remetidas ao Centro de Biotecnologia (Cenbiot) da UFPel para que fosse feita cultura deste material. A cultura foi feita em meio Ágar-sangue eqüino a 10 % e as placas incubadas a 37°C por 48 horas. Registrou-se o aspecto das colônias e da hemólise e a bacterioscopia com tinção de Gram.

Foram coletadas amostras de sangue sem EDTA para posterior separação do soro, objetivando a leitura da titulação de anticorpos mediante ELISA utilizando o antígeno anti-proteína SeM nos meses de julho, agosto, setembro e outubro. Estes animais foram vacinados no terço final de setembro, sendo realizada uma nova coleta em outubro para acompanhamento da titulação de anticorpos. Esses animais foram vacinados em setembro com uma vacina autógena desenvolvida no pelo Laboratório de Bacteriologia da Universidade Federal de Santa Maria.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diagnóstico presuntivo de adenite eqüina, foi realizado a partir da interpretação do exame físico e dos sinais clínicos, como apatia, anorexia, depressão, aumento da temperatura retal, aumento de linfonodos, principalmente submandibular e retrofaríngeo, e até mesmo a abscedação dos mesmos. Desta forma, referenciou-se a aplicação das primeiras medidas de tratamento e controle

da doença respiratória. Os primeiros resultados da avaliação da moléstia forneceram uma base racional para a seleção dos exames específicos auxiliares de diagnóstico.

As amostras destinadas à cultura bacteriana, confirmaram o diagnóstico presuntivo, sendo possível o isolamento do *Streptococcus equi*, agente causador da adenite equina em três, das cinco amostras enviadas ao laboratório. Nas duas outras amostras, não foi possível fazer o isolamento do agente por motivo de contaminação por agentes exógenos.

Testes de ELISA podem ser utilizados no diagnóstico indireto da enfermidade. Existe apenas um kit comercial em nível mundial para o diagnóstico por ELISA (IDEXX Laboratories Inc., Westbrook, Maine), que utiliza como antígeno proteína M específica de *S. equi*, entretanto, O teste não distingue entre resposta vacinal e infecção. Em função do diagnóstico de certeza indireto, planilhou-se os resultados das análises sorológicas processadas por ELISA, e subseqüentemente fez-se a média das sorologias conforme a tabela 1.

Tabela1: Média das sorologias dos potros conforme o mês.

<b>Mês</b>	<b>Média sorológica</b>
Julho	0,650
Agosto	0,661
Setembro	0,638
Outubro	0,256

Conforme Timoney (1999), a adenite eqüina acomete geralmente cavalos com menos de 2 anos de idade e raramente os menores de 4 meses devido a proteção da imunidade materna. Na região de Bagé, esse quadro se perpetuava, pois ainda não havia sido relatado casos de garrotilho em potros com idade inferior a dois meses (em média 34 dias de idade). A doença apresentava maior prevalência em animais mais velhos e potros desmamados (com mais de 180 dias). Estes animais conseguiam recuperar-se mais facilmente do quadro clínico da doença, desta forma, a adenite eqüina não era tão temida nos criatórios de equinos da região, tanto que anteriormente a esse quadro os animais não eram vacinados contra essa enfermidade.

Sweeney *et al.* (2005) recomendam para cavalos jovens e potros um programa vacinal com duas ou três doses com intervalos de duas semanas. Os mesmos autores sugerem a imunização da égua no terço final de gestação para que sejam conferidos anticorpos passivos a cria. Um reforço vacinal deve ser realizado anualmente.

Sabe-se que a principal forma de transmissão desta enfermidade ocorre a partir da contaminação ambiental por secreções nasais e fezes de potros e cavalos adultos com doença clínica ou de portadores assintomáticos (SILVA, 2006). Sendo assim, o ambiente para disseminação da doença tornou-se favorável, pois esses animais ficam agrupados em lotes de mais ou menos 10 animais, sendo que nas épocas de temporada, o número de animais aumenta em função dos potros ficarem juntos com suas mães. Além disso, aumenta também o transporte de animais em função da temporada reprodutiva, desta forma, garanhões transitam entre várias propriedades podendo contrair a adenite eqüina

em determinado criatório, e disseminar a doença para as demais propriedades que irá transitar.

O controle de qualquer doença infecciosa respiratória baseia-se no monitoramento de fatores de risco no manejo e na prevenção de doenças primárias. O manejo adotado na rotina dos criatórios de eqüinos PSI possui práticas que favorecem o desenvolvimento de infecções respiratórias, como alta densidade populacional, o fluxo de eqüinos transitórios e o transporte em caminhão. Sellon (2001) sugere que nestes locais com fatores de risco, sejam adotadas práticas para limitar a concentração de patógenos no ambiente com a finalidade de diminuir os riscos de desenvolvimento de moléstias.

## CONCLUSÃO

A detecção precoce de problemas respiratórios é essencial para a rápida recuperação dos potros, sendo ainda mais importante na prevenção de complicações secundárias que podem encerrar prematuramente a futura vida atlética do animal, ou até mesmo levá-lo a morte.

O conhecimento epidemiológico e o estudo das enfermidades que acometem os potros durante os primeiros meses de vida são fundamentais para o diagnóstico, tratamento e instituição de melhores medidas profiláticas a serem adotadas.

## BIBLIOGRAFIA

AINSWORTH, D.M.; BILLER, D.S. Sistema Respiratório. In: REED, S.M.; BAYLY, W.M. **Medicina Interna Eqüina**. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro, p.229-230, 2000.

HARRINGTON, D.J; SUTCLIFFE, I.C; CHANTER, N. The molecular basis of *Streptococcus equi* infection and disease. **Microbes and Infection**, n.4, p. 501-510, 2002.

KOWALSKI, J.J.Mecanismo da Doença Infecciosa. In: REED, S.M.; BAYLY, W.M. **Medicina Interna Eqüina**. Rio de Janeiro : Rio de Janeiro, p.54-56, 2000.

SELLON, D.C. Investigating outbreaks of respiratory disease in older foals, In: **Proceedings of the 47<sup>th</sup> Anual Convention of the American Association of Equine Practitioners**, San Diego, 2001, v. 47, p. 447-455.

SWEENEY, C. et al. c. In: **Proceedings of the 51<sup>ST</sup> Anual Convention of the American Association of Equine Practitioners**, Seattle, 2005, v.51, 4p.

SILVA, M.S. & VARGAS, A.C. Adenite eqüina – Aspectos clínicos, agente

etiológico e métodos de diagnóstico. **Arquivos do Instituto de Biologia**, .73, n.4, p.493-498, 2006.

TIMONEY, J.F. Equine Strangles: 1999. **Proceedings of the 45th Annual Convention of the American Association of Equine Practitioners**. Lexington, v.45, p. 31-38, 1999.